

FHC ataca oposição e Igreja em livro

Comando da campanha teme que frases críticas e polêmicas possam trazer incômodo eleitoral

GILSE GUEDES

RIO – O presidente Fernando Henrique Cardoso e o ex-presidente de Portugal Mário Soares lançam sábado, no Rio, o livro *O Mundo em Português, um diálogo*, que teve a publicação adiada pela Editora Paz e Terra para revisão de trechos polêmicos. Fernando Henrique define o Congresso como “politiqueiro” e afirma que os partidos “não querem reformas”. Admite o conflito entre “manobrar e não manobrar o Congresso” e elogia o PFL pelo fato de nunca ter feito oposição ao seu projeto político. “O PFL estava me procurando; foi, aliás, me procurar antes mesmo de o PS-DB, quando eu era ministro da Fazenda, para ver se eu seria candidato à Presidência.”

O livro apresenta um presidente incomodado com alguns adversários. Não poupa setores da Igreja Católica, o escritor português José Saramago e o compositor Chico Buarque, a quem se refere como um artista “que quer ser crítico, mas acaba sendo mais convencional”.

Fernando Henrique expôs tão abertamente suas idéias, numa conversa de quase 20 horas com Mário Soares, em abril, que o livro passou a ser um problema para o candidato. Além de mudar trechos, o comando de campanha tentou adiar o lançamento para depois das eleições, com receio de que algumas idéias do presidente fossem transformadas em inconvenientes eleitorais. Mas ele preferiu não ceder às pressões do comitê.

Afinal, frases polêmicas já haviam sido publicadas em jornais e não havia, portanto, motivos para

se temer idéias e contradições. Sobre elas, Fernando Henrique é claro no livro. “As pessoas, às vezes, querem pegar contradições entre o que eu dizia e o que digo hoje”, afirma. “Elas pegam contradições entre o que elas pensam que eu dizia e o que eu digo, mas não com o que eu disse mesmo...” No capítulo Nas Mãos da Justiça, o presidente cita José Saramago e Chico Buarque pelo fato de eles terem feito um “pseudo-julgamento político” depois do massacre de Eldorado de Carajás.

Mais adiante, ao fazer referências elogiosas a intelectuais, o presidente diz que Gilberto Gil, Caetano Veloso e Chico Buarque são “extraordinários”. No texto original, Chico não estava entre os extraordinários, segundo o presidente. Para amenizar as críticas ao compositor, ele foi incluído na lista elogiosa. O presidente, porém, manteve uma passagem polêmica. “Acho que o Chico Buarque já é mais elite tradicional, ele quer ser crítico, mas é mais convencional.”

Igreja – Ao lembrar do momento da privatização da Companhia Vale do Rio Doce, Fernando Henrique volta ao seu estilo crítico. Ele conta que tentou convencer d. Luciano Mendes de Almeida, ex-secretário-geral e presidente da CNBB, de que as idéias dele contra a privatização da Vale “pareciam erradas”. “Dei todos esses argumentos ao d. Luciano. O que aconteceu? Nada. Os bispos fizeram a sua declaração do mesmo jeito. Saíram do campo próprio da teologia da libertação – que era o campo da reivindicação social – e passaram a opinar sobre questões econômicas que não enten-

dem, a partir de uma visão nacionalista autárquica.”

No mesmo capítulo – As Escadarias do Bonfim –, ele faz um paralelo entre a figura de d. Paulo Evaristo Arns, cardeal-arcebispo de São Paulo de 1970 a 1997, e a ascensão política de Luiz Inácio Lula da Silva, candidato do PT à Presidência. “Foi ele (Arns) quem inventou o Lula, praticamente, ou que lhe deu impulso.”

O presidente conta os bastidores de como foi escolhido candidato pela primeira vez e diz, na época em que ainda era ministro da Fazenda, que achava que Lula iria ganhar as eleições. E volta a criticar a esquerda e o petista por repetirem “as mesmas coisas”. Em relação ao Plano Real, porém, admite: “Setores da classe média pagaram um certo preço.” Ainda sobre a oposição, Fernando Henrique e Mário Soares dedicam um capítulo aos sem-terra. Para o presidente, a sociedade só

tomou conhecimento do problema agrário “graças à TV Globo, a uma novela que ajudou muito os sem-terra, *O Rei do Gado*”.

Ele dá um recado aos tucanos que reclamam de seu relacionamento com o governador do Distrito Federal, o petista Cristóvam Buarque. “Todos os partidos, o meu próprio, reclamam porque estou ajudando. Estou assegurando o funcionamento da democracia.” E afirma que Cristóvam só consegue governar porque a cidade não tem autonomia financeira. “É muito fácil o PT dizer: ‘fizeram uma aliança espúria’. Eles não estão no governo. Quando estão no governo, como ocorreu no Espírito Santo (com Vitor Buaiç), o governador caiu fora do PT.”

MÁRIO
SOARES ESTARÁ
SÁBADO NO
LANÇAMENTO

ESTADO DE SAO PAULO

16 SET 1998